



Atabaque

Mestre De Paula

Atabaque s.m. Termo genérico para vários tambores cônicos abertos e de membrana simples, sendo assim classificado. No Brasil, similar à conga afro-cubana em suas formas e usos. O atabaque artesanal, com corpo feito de madeira (as vezes de jacaranda) e coberto com pele de cabra ou bezerro. Ele poderá ser constituído numa forma cilíndrica, normalmente, um acordo entre a forma cônica e a de barril e, as vezes, pode comportar uma base em forma de ampulheta. Nos atabaques de cunha, a pele de cabra é fixada por um aro de ferro colocado por cordas até um aro perto do meio do corpo. O aro está preso no corpo por pedaços de madeira chamadas de cunhas, usadas para apertar ou afrouxar a pele e mudar a afinação (ver Melo 2011). Alguns tambores modernos usam parafusos afinadores de metal.

Segundo Béhague, o atabaque é tocado ou com baquetas, com uma mão e uma baqueta ou, principalmente com as mãos apenas, dependendo de grupos particulares religiosos ou repertório de músicas. A música com tambores é usada principalmente em danças de rituais e para chamar os deuses, induzindo possessões de espíritos. Nos ritos de religiões afro-brasileiras, os atabaques são geralmente tocados em grupos de três, cada um com um tamanho diferente. Nos rituais do candomblé baiano e em outras partes do Nordeste, eles são conhecidos como *rum* (maior), *rumpi*, e *lê* (*menor*). Melo observa que apenas esses tambores que foram batizados ou submetidos a um ritual de consagração — em honra a um *orixá*, *orin* ou “encantado” (divindades) específico — podem ser tocados nos rituais. Os tocadores *alabês* também são batizados, mas não entram em transe durante a execução dos ritmos. Na retomada da chamada e músicas de reação, lidera inicialmente à capella por *ogans*, os atabaques, agogô, adjás e mãos batendo palmas, são tocadas em ordem para convocar os *orixás*. O repertório é composto por hinos relacionados às plantas sagradas, sacrifício, oferendas e para “baixar” e “tirar o santo”.

Alvarenga indica que o atabaque provavelmente foi trazido pelos sudaneses ou bantus, e os tambores usados em rituais de Yoruba, são chamados *ilu* (maior), *bata-cotô* (médio), e *batá* (menor). No candomblé de caboclo, o atabaque é chamado de *roncó*; no Rio de

Janeiro, *surdo*; e no Rio Grande do Norte, *chama*. Nomes adicionais para atabaques maiores, medindo entre 1,5 m e 2 m de altura, incluem *ingono*, *engoma*, *ingomba*, *ngomba*, *angomba*, *angomba-do-congo*, *ingome*, *engomo*, *pai-toco*, *pai-joçao*, *angona-puíta*, *carimbó* — na dança do carimbó e no ritual do batuque no Pará — *guanazamba*, *tambu* — no círculo de dança do *jongo* e *batuque* de São Paulo e região sudeste — e *caxambu*. Atabaques de tamanho médio, medindo entre 1 m e 1,5 m de altura são chamados: *joana*, *angona*, *candongueiro* — no *jongo* e *batuque* de São Paulo — *sangavira*, *quinjengue*, *mulemba*. Os tambores menores são chamados *gonguê*, *mangonguê*, *perenga* (Goiás e Mato Grosso), *surdo*, *pequenino*, *cadete*, *guzunga*, *chama-de-puíta*, e *biritador* (Cascudo).

O uso do *atabaque* é disseminado internacionalmente através da popular *capoeira*, onde é tocado junto com berimbau, pandeiro, agogô e reco-reco. Os instrumentos acompanham músicas com referências ao candomblé, ou episódios da história da escravidão. Considerada como jogo ou como dança, a Capoeira é composta por mais de quarenta golpes ou formas virtuosos e maliciosos, que podem ser ofensivos ou defensivos. Para acompanhar o *samba de roda* — uma dança de roda do Nordeste, especialmente da Bahia, que simula uma disputa de duplas com músicas de chamadas e respostas o atabaque é usado com pandeiro, agogô, prato, faca e as vezes, berimbau, violão e banjo. Em certas *congadas* (danças dramáticas, ou *bailados* com cenas de conversão) em São Paulo, o atabaque é tocado com os membranofones: adufe, pandeiro e a zabumba. (Béhague; Alvarenga).

Referências

L. C. Cascudo. "Atabaque". In: *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9th ed. (Rio de Janeiro, 2000).

O. Alvarenga et al. "Atabaque". In: *Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular*. (São Paulo, 1977).

G. Béhague. *Musiques du Brésil: de la cantoria a la samba-reggae* (Paris, 1999).

R. S. Melo. *A tradição juremeira e suas relações com os rituais de candomblé e umbanda na casa Ilê Axé Xangô Agodô*. (João Pessoa, 2011).